

# DIÁLOGO DE SOBREVIVENTES: UM BREVE ENCONTRO ENTRE CÂNDIDO E NICOLAS I

GLAUCO MARTINS GUERRA<sup>234</sup>

*Será necessário empregar fraudes piedosas com o povo?* - VOLTAIRE (Dicionário Filosófico, p. 108)

*Mas se a história, onipresente, põe em jogo o social em sua totalidade, é sempre a partir desse mesmo movimento do tempo que, sem cessar, arrasta a vida, mas a subtrai a si mesma, apaga e reacende suas chamas.* - Fernand BRAUDEL (Escritos sobre a História, p. 98)

**Resumo:** A novela anônima *NICOLAS I - Rei do Paraguai e Imperador dos Mamelucos*, uma espécie tardia de romance de cavalaria, foi publicada em meados do século XVIII, tendo por provável primeiro registro uma edição holandesa de 1756, em língua francesa. Alcançou intensa popularidade, por descrever o ambiente político, religioso e institucional da Europa do século XVIII, aproximando os contrastes coloniais à formação de um espírito de nação que cada sociedade estava construindo. A corrupção moral e sua perene incorreção fazem da narrativa fantástica e trovadoresca de Nicolas uma ponte para os grandes debates iluministas, provocando até mesmo Voltaire, cujo romance *CÂNDIDO ou o Otimismo* guarda relação não apenas no estilo cômico e burlesco, como também e especialmente converge em significados históricos e filosóficos que retratam os conflitos humanos e religiosos do Século das Luzes. Esse é o diálogo proposto.

**Palavras-chave:** Iluminismo; Colonização Ibérica; Marquês de Pombal; Voltaire; Antigo Regime.

## 1. EXPLOSÃO DE RACIONALISMO

O terremoto de Lisboa, ocorrido na manhã de domingo de 01 de novembro de 1755, Dia de Todos os Santos, dizimou sumariamente milhares de pessoas. Seguido de um maremoto, que então inundou a capital portuguesa, levando consigo mais e mais vidas, o evento sísmico abalou as convicções, certezas e reflexões no europeu do *Ancien Régime*.

Dessa explosão mortífera aos sobreviventes pouco restou, senão reconstruírem suas estruturas, suas relações e suas vidas.

Dois deles resolveram, no entanto, contar suas histórias acerca do que seria aquele segundo turno do século XVIII para a convulsão ibérica que se seguiu, narrativas essas recheadas de “estórias” bufas, picardias, malabarismos, fraudes e toda sorte (ou azar) de escaramuças. São eles Nicolas Roubiouni e Cândido, que jamais se encontraram e sequer estavam naquele fatídico evento natural.

A licença poética desse breve ensaio, contudo, pretende que ambos, num dia qualquer dos anos 1790, tenham a oportunidade de uma breve conversa, uma frugal tertúlia quem sabe nalgum café

---

<sup>234</sup> Atualmente, mestrando em História Econômica na FFLCH/USP. Graduado em história. À época do envio do artigo, o autor ainda não tinha ingressado no mestrado. E-mail: [glaucoguerra@usp.br](mailto:glaucoguerra@usp.br)

parisiense, após voltarem de suas fictícias e fantasiosas aventuras mundo afora. Calejados pelo tempo, proprietários de suas próprias experiências e embevecidos nos ares filosóficos da Ilustração, esses filhos do Antigo Regime se colocam a prostrar e pensar sobre as aventuras que tiveram.

Como se possível fosse, o diálogo foi registrado e será aqui brevemente desconstruído, a fim de apresentar uma ideia do ser iluminista não como um iluminado, mas precisamente como um indivíduo imerso em sofismas, que nasceu na fé aristotélica, estava adormecido nos postulados agostinianos e se fez humano na poiese criativa do racionalismo e do cientificismo. São dois europeus que ganham o mundo engajados na lógica cartesiana da sociedade mercantilista, imantados que estavam na lógica do poder maquiavélico.

Seriam dois inimigos, não fossem eles “irmãos de sangue” de um século convulsionado pelas ininterruptas transformações.

Essa é a viagem que se pretende fazer.

## 2. ENQUANTO ISSO, NA EUROPA

Após os salamaleques de praxe, Cândido convidou Nicolas para se sentar. Um tanto desconfiado, Nicolas deu vista d’olhos no ambiente, puxou uma das poltronas, dispensou o par de escolta e se acomodou.

“Fui para a América à procura de minha amada. Encontrei o Eldorado. Abarrotado de ouro e diamantes, deixei aquelas misteriosas cordilheiras e cachoeiras, cruzei novamente o Atlântico, acabei em Constantinopla. E só então, após muito andar, penar e desperdiçar toda minha fortuna, encontrei a doce Cunegundes, tomei-a em matrimônio, não sem antes uma vez mais me altercar com seu nobre e esnobe irmão. Hoje repousamos nossas vidas numa bucólica granja, trabalhando comunal e rotineiramente entre amigos no cultivo de nosso pequeno mas belo jardim.”

“Fui para a América à procura de meu destino. Após errar por terras ibéricas e inóspitas aos que muito querem da vida, desterreimei-me jesuíta na Província de Buenos Aires, com alguns erros e paixões cravados em minhas costas. Catequizei, ou melhor, tentei, pois o que precisavam mesmo era de subjugo. Logo, de tanto sentir o opróbrio gentio sobre a espada e a garrucha colonizadoras, àqueles seres da natureza conquistei. Liderei-os. Tornaram-me rei e disto saboreei a vingança no sangue ibérico derramado. Os guaranis me salvaram. Salvei a honra guaraníca. Pelas guerras, as missões resistiram. Minha fama correu campinas e capitâneas. Achei por bem conquistá-las e, pudera, aqueles mamelucos caçadores de índios deles também me fizeram rei. Ou melhor, imperador! Vai entender que bandeiras carregam os paulistas ...”

O silêncio se fez por alguns momentos. Os aromas de café e tabaco se misturavam. Cândido um tanto inquieto. Nicolas um tanto soberbo. Ambos senhores de suas ilustradas aventuras. Ambos senhores da razão de seus próprios tempos.

É nesse cenário que mais três quartos de hora transcorreram, numa conversa serena de homens que sabiam exatamente o valor de suas conquistas.

Personagens, críticas, estratégias, fofocas, teorias e filosofias navegaram nas palavras de cada um. Citaram com propriedade os conselhos de nomes como Luís da Cunha. Analisaram decisões sábias – algumas cruéis – de déspotas como Sebastião José de Carvalho. Comentaram editos e proclamas de Joões, Josés e Luízes que, a bem ou a mal, mudaram a face e as entranhas da Europa naqueles setecentos.

Exorcizaram a Companhia de Jesus, louvaram as Companhias de Comércio. Cantaram mais algumas glórias, declararam sua fé cristã, derrubaram odes às Ciências. Falaram até de um tal Vandelli, que teria exigido jardins e zoológicos para os estudos no Velho Mundo da botânica e da fauna coletadas no Novo Mundo, África e Ásia.

Ao final, com aspecto de saboroso cansaço e seguros por um vigoroso e régio aperto de mãos, aqueles velhos senhores concluíram que o século XVIII tinha lhes valido à pena.

### 3. A FICÇÃO COMO MEMÓRIA HISTÓRICA

Cândido e Nicolas são personagens ficcionais que, não obstante o humor e outros recursos literários confirmam às obras um sabor de deliciosa literatura burlesca, permitem ao historiador se conectar à questão jesuítica, à crise moral do europeu ilustrado, às guerras guaraníticas e ao clima de incertezas políticas e institucionais vivenciadas no ambiente colonial ibérico na segunda metade do século XVIII.

Nicolas tem a curiosa característica de ser um livro de autor anônimo, dando ainda mais ares de mistério não apenas à sua concepção, mas exatamente com quais propósitos – além da diversão literária e da crítica de costumes da época – foi produzido e rapidamente circulado. Tornou-se best-seller, foi registrado em gazetas, publicado em pelo menos quatro idiomas e comentado por Voltaire.

Cândido por certo teve inspiração em Nicolas, já que esse livreto, cuja primeira edição é de 1756, contém algumas das grandes questões europeias – como a jesuítica e a expiação inquisitorial<sup>235</sup> – que Voltaire explorará com sagacidade em seu romance.

Aliás, os cenários de ambas as obras já faziam parte da imaginação coletiva europeia<sup>236</sup>: a América colonial, tomada por missões, nativos e riquezas, como palco de conflitos entre portugueses e espanhóis. Se um autor anônimo conta a história de um pequeno trapaceiro espanhol que chega ao rio da Prata como missionário e acaba rei dos guaranis e imperador dos paulistas, o filósofo francês romanceia a vida de um anti-herói que fará adoradores mundo e séculos afora, a exemplo do Macunaíma de Mário de Andrade<sup>237</sup>.

Ademais disso, as correntes iluministas tomaram conta não apenas de França, Holanda, Bélgica, mas sobremaneira do mundo ibérico. O papel reformador do Marquês de Pombal na educação contribuiu expressivamente para que a literatura, ao lado das Ciências e de outras expressões artísticas, ganhasse

---

<sup>235</sup> VOLTAIRE, François-Marie Arouet. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Livros Escala, 2008, p. 476, verbete TORTURA: “Não foi nos séculos XIII ou XIV que esse fato aconteceu, mas no século XVIII. Os povos estrangeiros julgam a França pelos espetáculos, pelos romances, pelos belos versos, pelas atrizes de ópera, cujos costumes são tão doces, por nossos bailarinos de ópera, que têm tanta graça, pela senhorita Clairon [atriz e cantora de teatro cômico], que declama versos que arrebatam. Não sabem, contudo, que não há, no fundo, nação mais cruel que a francesa.”

<sup>236</sup> VERÍSSIMO, Fernanda. *Posfácio de História de Nicolas I, Rei dos Paraguaios e Imperador dos Mamelucos (1756)*. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 130: “Assim, a história de Nicolas I encaixa-se em narrativas já conhecidas na Europa – das maravilhas e dos horrores do Novo Mundo, da admiração e do desprezo quase equivalentes pelos jesuítas, das façanhas de aventureiros amorais – e usa de todos os artifícios pra parecer verdadeira.

<sup>237</sup> A tradição romanesca atravessará inúmeros estilos literários e, no caso do Brasil, sob a análise crítica de Antonio Cândido, ganhará uma importância significativa no “jogo de ordem e desordem” (expressão da Historiadora Iris Kantor em aula proferida na cadeira História Ibérica II, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 19 de outubro de 2019), que tanto explica a naturalização da transgressão de um personagem cujo caráter não deu certo.

relevo. Até mesmo o arcadismo mineiro possui sementes nesse contexto, como observa Lilian Moritz Schwarcz<sup>238</sup>:

“Apesar da relação tensa que estabeleceu com a Arcádia Lusitana, cuja fundação presidiu em 1756, mas de cuja fidelidade sempre duvidou, Pombal acabou por apoiar um grupo de jovens escritores, entre eles brasileiros vindos de Minas Gerais. Era o mecenato pombalino que começava a se estabelecer a partir da eleição de estudantes como José Basílio da Gama (...)”.

Se Nicolas I é de grande vivacidade narrativa e muito realismo, Cândido se permite algum universo fantástico e hipérboles descritivas. Mas a metáfora do expurgo religioso percorre as duas histórias, numa clara sintonia (ou distopia) com a ojeriza que o extremismo da Companhia de Jesus, assim como o Santo Ofício e seus autos-de-fé<sup>239</sup>, vinham provocando no novo espírito europeu.

A definição de Voltaire para a Inquisição é auto explicativa<sup>240</sup>:

“A inquisição é, como se sabe, uma invenção admirável e totalmente cristã para tornar o papa e os monges mais poderosos e para tornar hipócrita todo um reino.”

Na mais recente edição brasileira de Nicolas I, Fernanda Veríssimo identifica a aproximação das obras não apenas pela alma aventureira que o Iluminismo resgatava, mas também e fortemente pelo tema jesuítico das Missões<sup>241</sup>:

“Centenas de diários de bordo, relatórios de exploração, relações de viagens, tratados científicos e cartas de missionários circulavam pela Europa do século XVIII, trazendo aos leitores as maravilhas, os horrores e, principalmente, os mitos das novas terras. As cartas dos jesuítas, em especial, informavam e influenciavam o pensamento da época. Lidas atentamente por Voltaire (que fez seu Cândido passear pelo Paraguai da Companhia de Jesus), Montesquieu e Rousseau, eram tidas como fontes de primeira mão para o debate sobre a colonização europeia na América.”

O “amor de la pátria”, tão depurado por Benito Feijoo<sup>242</sup> como “un vicio”, mas que tanto havia servido para a união entre reis e jesuítas na conquista de novos territórios em nome de uma Coroa, dava

<sup>238</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz e outros. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis – Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017, 2ª edição, 5ª reimpressão, p. 105: “Ao lado das reformas educacionais, era posta em curso uma ampla campanha visando atingir a opinião pública, envolvendo a imprensa e as artes em geral.”

<sup>239</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz, ob. cit., p. 87: “Voltaire, no *Cândido*, revoltava-se contra a decisão dos ‘sábios’ da Universidade de Coimbra, que, depois do terremoto de Lisboa, acharam por bem realizar um auto-de-fé: ‘O espetáculo de algumas pessoas queimadas em fogo lento, em grande cerimonial, era um meio infalível de impedir a terra de tremer. (...) Esse mesmo tipo de juízo mais negativo, dirigido à carolice portuguesa e à sua instituição máxima – a Inquisição –, despontava em outros livros da época, em que se desconfiava do tribunal e de seus critérios, nem sempre religiosos.”

<sup>240</sup> VOLTAIRE, François-Marie Arouet. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Livros Escala, 2008, p. 344. Sem papas na língua, o filósofo francês vai mais longe: “De resto, todos os procedimentos desse tribunal são bastante conhecidos; sabe-se como são opostos à falsa equidade e à cega razão de todos os outros tribunais do universo.”

<sup>241</sup> VERÍSSIMO, Fernanda, ob. cit, p. 110/111.

<sup>242</sup> FEIJOO, Benito. *Teatro Crítico*, 1726. Fonte: Biblioteca Feijoniana del Proyecto Filosofía en español (<http://www.filosofia.org/bjf/bjft000.htm>)

lugar a um nascente nacionalismo, cravado num poder régio esclarecido e consciente do quanto a dominação religiosa vinha sendo fonte de “revoluções, tumultos e escândalos”, que incitavam o rompimento do “vínculo de caridade cristã”, inflamavam “os ânimos dos fieis no espírito da divisão” e os alimentavam “de ódio e de inimizade”<sup>243</sup>.

Havia também toda uma complexa questão geopolítica em franca ascensão. O Tratado de Madri, firmado em 1750, reordenava limites e fronteiras territoriais, colocando o sul da colônia portuguesa na espiral de disputas com a Coroa espanhola. Nicolas e Cândido marcham por essas paragens, as quais Kenneth Maxwell assim descreveu<sup>244</sup>:

“Os problemas estratégicos e de segurança, na América, também preocupavam muitíssimo a nova administração. O Tratado de Madri, assinado em janeiro de 1750, apoiou a reivindicação portuguesa do domínio de toda a bacia Amazônica. Essa vasta região, que representa quase um terço do território da América do Sul, havia sido penetrada e tenuemente ocupada por mineradores e missionários luso-brasileiros, atraídos ao interior pela procura do Eldorado ou por visões de conversão dos pagãos.”

Todo esse efervescente quadro político, cultural, social e religioso transborda em Nicolas e Cândido, permeando a corrupção moral e sua incorreção que contaminavam os abalados ares europeus. O trovadoresco de Nicolas confabula com o onírico de Cândido, construindo uma ponte entre os diferentes espaços dos impérios ibéricos, para que os grandes debates iluministas que ganhavam evolutiva expressão tivessem sua influência tanto nas metrópoles, quanto nas colônias.

Cheias de significados, as incursões de Nicolas e Cândido, desde os Sete Povos das Missões até Constantinopla prenunciam a reconfiguração do mundo que está por vir, inclusive e, sobretudo, no continente africano.

#### 4. ENQUANTO ISSO, NA AMÉRICA

O diálogo entre esses senhores, Nicolas e Cândido – que jamais se encontrariam no tempo cronológico, mas que assim podem fazer no tempo histórico, através do imaginário ficcional proposto – seria algo próximo de uma troca de experiências de suas aventuras pelo Novo Mundo.

Diria Cândido: “Estive pelas terras de seu império paraguaio.”<sup>245</sup> No que Nicolas responderia: “É verdade? Por lá tudo é muito tenso e intenso. Os índios ‘desconfiam de tudo que vem de estrangeiros’ e ‘acreditam sempre que sua liberdade está ameaçada e que se preparam armadilhas para reduzi-los à servidão’. Foi bem tratado?”

---

<sup>243</sup> Alvará de Marquês de Pombal, em nome do Rei D. José I, de expulsão da Companhia de Jesus dos domínios portugueses, firmado em 09 de setembro de 1773. Fonte: Arquivo Público Nacional de Lisboa.

<sup>244</sup> MAXWELL, Kenneth. *Chocolate, Piratas e Outros Malandros – Ensaios Tropicais*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999, p. 101.

<sup>245</sup> Autor desconhecido. *História de Nicolas I, Rei dos Paraguaiois e Imperador dos Mamelucos* (1756). São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 49.

Então Cândido replicaria: “Entre os missionários de Jesus sim, mas entre os selvagens eu só ouvia ‘é um jesuíta, é um jesuíta! Estamos vingados! Agora sim! Vamos comer jesuíta! Vamos comer jesuíta!’<sup>246</sup>. Isso me criou um intenso pavor, por óbvio.”

Nícolas, descolado ou debochado, daria a palavra final: “Entendeu agora? Se cá tem vez a Cultura, lá vez tem a culatra.”

Cumprimentando-se nas medidas de estilo da época, aqueles heróis sem tanto caráter se despedem, cada um seguindo seu curso nas brumas do passado.

O poder deve ser domesticado. É a filosofia política do século XVIII, com a qual Voltaire flertou intensamente, acompanhado que estava de outros grandes pensadores, todos se encarregando de traçar os novos parâmetros do Estado-Nação que nascia da repaginação da soberania monárquica, então subjugada a um racionalismo que ocupou o vácuo do misticismo em decadência.

A Deontologia é a ciência que estuda a obediência à intersecção desses ciclos. Iluminados como Luis da Cunha em suas *Instruções Políticas*, Pombal em seus *Alvarás Régios*, ou ainda Domingos Vandelli em suas Memórias, sabiam que os tempos haviam mudado.

Os mecanismos da centrifugação dos interesses da velha nobreza tornam necessário que se tenha um novo pacto social. O consenso não existe no começo desse novo modelo sócio-político, mas uma coisa é certa: o racionalismo seria a pauta a partir de então. O paradigma de passagem não é mais o irracional, fundado em atos reflexos humanos sob ordens divinas, mas o “razoável”, aquele meio de pensar que permite, no confronto e harmonia entre os atos do ser racional em composição com o irracional, encontrar uma solução.

A de Nicolas é a conquista pela força das armas. A de Cândido, o jardim.

---

<sup>246</sup> VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Cândido* (1759). Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook: eBooksBrasil.com. Fonte Digital www.jahr.org, acesso em 09/09/2019, p. 88.

## DOCUMENTOS

- VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Cândido* (1759). Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook: eBooksBrasil.com. Fonte Digital [www.jahr.org](http://www.jahr.org), acesso em 09/09/2019.
- Autor desconhecido. *História de Nicolas I, Rei dos Paraguaiois e Imperador dos Mamelucos* (1756). São Paulo: Editora Unesp, 2017
- FEIJOO, Benito. *Teatro Crítico* (1726). Fonte: Biblioteca Feijoniana del Proyecto Filosofía en español (<http://www.filosofia.org/bjf/bjft000.htm>)
- MARQUÊS DE POMBAL, em nome do Rei D. José I. *Alvará Régio* de expulsão da Companhia de Jesus dos domínios portugueses, firmado em 09 de setembro de 1773. Fonte: Arquivo Público Nacional de Lisboa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAXWELL, Kenneth. *Chocolate, Piratas e Outros Malandros – Ensaios Tropicais*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz e outros. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis – Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017, 2ª edição, 5ª reimpressão.
- VERÍSSIMO, Fernanda. *Posfácio de História de Nicolas I, Rei dos Paraguaiois e Imperador dos Mamelucos* (1756). São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Livros Escala, 2008. Também consultada a edição São Paulo: Editora Nova Cultural, 1988

